

## ETERNIDADE

ddr Enquanto válida, minha Mãe sempre foi um dínamo para trabalhar, dividindo seu tempo entre os árduos afazeres domésticos, os filhos (educação rígida, à antiga), mulher de político, campanhas benemerentes (hospital, asilo) e congregação, sempre dando conta de tudo, com energia e valentia incomuns.

No final de 1950, às 11 horas da noite, fui buscar um livro de direito em meu escritório, que durante muitos anos esteve instalado nas salas da frente da casa de meus Pais (Rua Rui Barbosa, 547 hoje Rua Odilon Negrão). Encontrei minha Mãe fazendo u'a magnífica capa de tricô, de lã branquinha, com capuz e fitas coloridas, forrada de cetim plissado. A peça incomparável, tecida com esmero, carinho e amor era para abrigar meu primeiro filho, que nasceu no dia 18 de fevereiro de 1951. Mesmo sem dar muita atenção às roupas infantis, deslumbrei-me com a perfeição da capinha branca, limpa e alva como a inocência. E com ela o primeiro neto da tecelã querida foi também batizado.

E os dias foram escoando como a areia na ampulheta do tempo.

Neste final de 1987, minha mulher (tão diferente e tão parecida com minha Mãe) está numa atividade sem par: tece, depois de trinta e sete anos, com suas agulhas de tricô, também com esmero, carinho e amor, duas capinhas (de lã macia) brancas e imaculadas, com capuz e fitas, para os dois filhos gêmeos do Perseu e Penha, que vão nascer em janeiro de 1988.

Na sala grande de minha casa, já tarde da noite, minha esposa, tendo como modelo a capa feita em 1950, elabora os abrigos dos nossos netos. Olhei a capa antiga, já amarelada, e as duas novas, de alvura sem par. E as emoções me engolfaram, subindo do coração e molhando meus olhos. Disfarçando um pouco, baixei a vista para as mãos ágeis, rápidas, delicadas.

- Meus Deus, são as mesmas mãos que vi em 1950. Como é que pode ser isso? São outras mãos, mas são as mesmas, iguaizinhas às do passado. Notei ainda outra identidade: os olhos brilhando de ternura e amor, de 1950, são os mesmos de agora.

Acho que as duas mulheres mais importantes de minha existência, amando e protegendo da mesma forma, desafiando a morte e glorificando a continuidade da vida, conseguiram construir uma ponte no tempo, cujos alicerces são imperecíveis, pois construídos de amor.